



MADELINE
HUNTER

AS REGRAS
DA SEDUÇÃO

*No jogo do prazer, há quem ganhe.
E há quem se perca para sempre.*





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para meu filho Joseph, cuja força interior
me impressiona mais a cada dia.

CAPÍTULO 1

Uma sombra penetrou cedo na casa junto com o visitante inesperado. Alexia se sentiu perturbada mesmo antes de ver quem era.

Ela descia a escada carregando sua cesta de costura e parou nos degraus ao notar as vozes que conversavam baixo no hall. Mesmo sem entender direito as palavras, compreendeu o tom firme de quem faz exigências. Percebeu que a forma respeitosa como o empregado se opunha de nada servia. Falkner, o mordomo, foi chamado. Diante de um poder silencioso e determinado, as barreiras da casa cediam.

Um mau pressentimento tomou conta de Alexia, como no dia em que aquele homem havia chegado para contar à família sobre Benjamin. Já tivera essa sensação vezes suficientes para saber que não deveria ignorá-la. Más notícias mudam o mundo em um segundo. Mudam o ar. O coração humano pressente que o sofrimento está chegando com tanta certeza quanto um cavalo percebe uma tempestade que se aproxima.

Não conseguiu se mover. Ia se juntar às primas no jardim, para aproveitar o sol da tarde com sua cesta de costura, mas a ideia lhe fugiu da mente.

Um par de pernas surgiu andando na sua direção. Pernas compridas, calça preta e botas elegantes. Elas seguiram o mordomo rumo à escada. Falkner tinha no rosto a expressão de um serviçal que houvesse recebido ordens de um rei.

O tronco do visitante começou a entrar em seu campo de visão, logo seguido dos ombros e da cabeça. Como se sentisse que alguém o observava, ele olhou para cima, para o patamar onde ela se encontrava.

Imediatamente Alexia entendeu a submissão de Falkner. A atitude, o rosto e o porte do visitante intimidariam até quem não conhecesse sua posição social. O cabelo escuro, desarrumado de um jeito que parecia não ter sido penteado naquela manhã, emoldurava o belo rosto de traços angulares e fortes, como se fossem entalhados. Sinais de cansaço obscureciam o azul profundo de seus olhos. Um autocontrole forçado retesava seu maxilar quadrado e sua boca bem desenhada. Lorde Hayden Rothwell, irmão do quarto marquês de Easterbrook, era a imagem do homem exausto mas determinado a cumprir sua dura tarefa. Certamente não viera em resposta aos muitos convites que Timothy havia deixado para Easterbrook em sua residência ao longo do último ano.

Ao se aproximarem, Falkner cruzou os olhos com os dela, expressando seu desânimo. O mordomo também pressentia a tempestade.

Lorde Hayden parou no mesmo patamar da escada em que ela se encontrava e fez um gesto quase imperceptível, cumprimentando-a. Já haviam sido apresentados, mas ele não lhe dirigiu a palavra. Em vez disso, ao levantar o rosto, mediu-a dos pés à cabeça. A avaliação foi tão completa, tão estranhamente interessada, que ela sentiu que corava.

A expressão daquele rosto anguloso se alterou levemente. Como se uma estátua tivesse ganhado vida, os olhos do homem se suavizaram e sua boca relaxou. De súbito, a compaixão o serenava.

Mas, em um piscar de olhos, seu porte severo voltou, expulsando a candura. Alexia, no entanto, vira o bastante para sentir o coração pesar. Reconheceu pena no olhar que ele lhe dirigira. A chegada desse homem não anunciava nada de bom.

– Está levando lorde Hayden para a sala de visitas ou para a biblioteca, Falkner?

Ela estava sendo indelicada, mas não se importava. Com o passar dos anos, aprendera que imaginar más notícias era pior do que efetivamente ouvi-las. Não tinha a menor intenção de ficar esperando, submissa e preocupada.

– Para a sala de visitas, Srta. Welbourne.

Lorde Hayden percebeu suas intenções.

– Por favor, não perturbe a Srta. Longworth com minha presença. Não se trata de uma visita social.

– Não a incomodaremos se não for seu desejo. Contudo, é possível que demore algum tempo até que o Sr. Longworth possa recebê-lo. Podemos ao menos nos encarregar de que o senhor fique à vontade.

Não esperou por aprovação. Deu meia-volta e foi subindo a escada, indicando o caminho para o segundo andar.

Ao chegar à sala de visitas, deixou a cesta de costura de lado e cuidou para que ele ficasse confortável, conforme prometera. Ainda que ele não quisesse, ela se portaria educadamente, como uma anfitriã.

– O tempo está bastante agradável para janeiro, não acha? – perguntou ela após ele ter concordado em se sentar no sofá novo, de um tecido estampado em tons azuis. – O dia até agora está maravilhoso.

As sobranceiras dele se arquearam um pouco diante da infeliz ênfase no “até agora”.

– Sim, tem feito um calor atípico nos últimos dias – disse ele.

– Acho dias assim cruéis, por mais que os aprecie.

– Cruéis?

– Eles me fazem acreditar que a primavera está se aproximando, quando ainda temos alguns meses de frio e umidade pela frente.

Por um segundo, uma luz travessa brilhou nos olhos dele.

– Pode não passar de uma ilusão – falou o homem –, mas prefiro me deleitar nessa calidez e me preocupar com o frio apenas quando ele chegar.

A frase pareceu quase imprópria. Ela mudou de assunto fazendo uma observação sobre os feriados recentes. Ele concordava com tudo o que ela dizia. Com muita dificuldade, ela ia levando adiante a desajeitada conversa.

A mente dele não estava ali, mas na reunião com Timothy. O ar na sala de visitas foi ficando pesado. A presença daquele homem fazia pensar que o juízo final estava próximo.

Ela não aguentava mais.

– Meu primo está doente, lorde Hayden. Talvez não consiga se recompor o bastante para recebê-lo. A conversa não pode esperar mais um dia?

– Não.

Foi tudo o que obteve dele. Essa única palavra, dita de modo simples, direto e firme.

Ele voltou sua atenção para longe da conversa, para o nada. E continuou assim, como antes, na escada. Ela se perguntou se ele a consideraria presunçosa por recebê-lo. Não era a dona da casa, apenas uma mera prima. Mas a culpa não era dela se ele estava confinado ali com uma substituta. Fora ele quem não permitira que Roselyn fosse informada de sua presença.

– Talvez, senhor, se eu levasse uma mensagem para meu primo a respeito de sua visita, ele pudesse...

A voz dela foi se dissipando quando ele a encarou como um vigário faz para silenciar uma criança tagarela na igreja.

Ela não se importou com a expressão em seus olhos, que deixava claro que ele percebera o que ela estava fazendo. Hayden Rothwell tinha a reputação de ser inteligente, ríspido e arrogante. Até o momento, ela não poderia discordar dessa avaliação.

Mas também ela não tivera muito tato ao tocar no assunto. Então tentou uma nova abordagem. Como ele era conhecido por sua sagacidade nos negócios, mudou o rumo da conversa para esse tema, tentando deixá-lo mais receptivo a outras perguntas.

– Teve alguma notícia do centro financeiro hoje, lorde Hayden? A crise nos bancos continua?

– Temo que permanecerá por algum tempo, Srta. Welbourne. É de se esperar quando as pessoas têm medo.

– O senhor tem negócios com o banco do meu primo, não é verdade? Está tudo bem por lá, espero.

– Há uma hora, quando saí do centro financeiro da cidade, o Darfield e Longworth permanecia sólido.

– Graças a Deus. Não houve uma corrida ao banco, então. Com tantas outras instituições passando por problemas, fiquei preocupada.

Uma sombra perceptível em seu olhar demonstrava que ele parecia se divertir.

– Não, não houve corrida ao banco.

Isso a aliviou. Várias das grandes instituições financeiras londrinas tinham enfrentado dificuldades no mês anterior. Os jornais estavam cheios de boatos sobre a quebra de pequenos bancos. Aonde quer que se fosse, só se falava em fracasso, ruína e falência. Ela suspeitava de que a atual doença de Timothy se devesse à preocupação com o futuro de seu banco.

– A senhorita tem dinheiro lá? – questionou, parecendo realmente interessado.

– Uma ninharia. Minha preocupação é com meus primos.

Ela conseguira atrair sua atenção com as perguntas sobre a situação financeira do banco. Até bem demais. Ele a olhou de novo, mais demoradamente dessa vez, com uma arrogância casual que demonstrava que ele se sentia nesse direito, algo que homens em posição inferior não ousariam. Aquela avaliação só seria feita por um homem que tivesse plena consciência de seu valor e que, por isso, dispensava algumas regras de etiqueta.

A atenção dele se concentrou intensamente nos olhos dela, observando-a de forma tão perspicaz que ela precisou piscar para se recompor. Lenta e deliberadamente, ele analisou o restante do corpo de Alexia. Ela enrubesceu e uma comichão desconfortável percorreu toda a sua pele. Ele a perturbou de tal maneira que lhe fez lembrar a sensação causada anos atrás pelo olhar de outro homem.

Ficou embaraçada diante da própria reação. Não se julgava alguém que se deixasse abalar por um homem bonito. Não era tola como a jovem Irene. Em silêncio, se censurou por agir como uma solteirona ávida pela atenção de um homem.

Nada na expressão dele indicava que houvesse notado o desconforto dela. Nem ela teve qualquer ilusão de que o interesse do homem fosse *desse* tipo. Ela sabia o que ele estava pensando. Com seu cabelo castanho e o rosto comum, ela não causava grande impressão. Sem dúvida ele também percebera como os módicos recursos financeiros afetavam sua aparência. Seu vestido não só estava fora de moda como também tinha discretos remendos. O lorde provavelmente estaria vendo cada ponto deles.

– Srta. Welbourne, creio que fomos apresentados no culto a Benjamin – disse ele. – A senhorita é a prima que veio de Yorkshire, não?

Seu orgulho foi atingido por um doloroso golpe. Ele não sabia quem ela era ao entrar naquela sala de visitas. Se não lembrava que já haviam sido apresentados, ele deveria achar incomum o fato de tê-lo recebido, assim como certamente a considerara bastante ousada em sua conversa.

O choque foi seguido pela irritação. A raiva que sentia não era dele, apesar de abrangê-lo mesmo assim, mas tinha origem na situação que a tinha tornado tão esquecível.

– Sim, nos conhecemos no culto em homenagem a Benjamin.

O nome e a lembrança fizeram ecoar uma antiga dor. Tinha sido um culto, não um funeral. O corpo de Benjamin não estava presente, mas perdido no mar. Fazia quatro anos que ele partira da Inglaterra e ela ainda sentia sua falta.

De repente, lorde Hayden não pareceu tão rígido. Uma expressão mais sociável suavizou suas feições belamente esculpidas.

– Eu o tinha como um amigo – disse ele. – Nós nos conhecemos na infância. Sua casa não fica longe das terras de Easterbrook em Oxfordshire.

Timothy sempre mencionava os laços entre Easterbrook e sua família, devidos ao fato de serem vizinhos. Não era uma ligação tão próxima a ponto de que respondessem aos convites de Timothy, é claro. No entanto, se a amizade tinha sido entre Benjamin e Hayden Rothwell, isso explicava algumas coisas, como o motivo da presença de lorde Hayden no culto.

– O senhor também lutou na Grécia, não? – perguntou ela, feliz por tocar em um assunto que o deixava menos severo e que mencionava o querido Benjamin.

– Sim, fui um dos admiradores da Grécia que aderiu à causa deles contra a Turquia. Particpei da guerra no início, na mesma época que seu primo. Mas, ao contrário dele e de Byron, tive a sorte de sair vivo dessa aventura.

Ela imaginou Benjamin, sempre otimista, um homem tão cheio de vida e alegria que isso o tornava imprudente. Viu-o lutando como um herói pela liberdade do povo, tendo atrás de si a paisagem de um antigo templo nas montanhas. Ela cultivava essa imagem dele. Como lorde Hayden tinha estado lá com Benjamin, ela já não se importava tanto que ele a tivesse olhado dos pés à cabeça.

Ele estava fazendo de novo, só que agora não era seu vestido que analisava. Era seu rosto e... *ela*.

– Perdoe-me, Srta. Welbourne. Não quero parecer inconveniente, mas seus olhos têm uma cor incomum. Parecem violeta. É a luz aqui ou já lhe disseram isso antes?

– Não é a luz. A cor dos meus olhos é a única característica marcante que possuo.

Ele não discordou, o que ela considerou deselegante. Ele refletiu sobre a resposta dela e sobre a sua própria.

– Ele falou da senhorita com respeito e afeição. Benjamin, na Grécia. Não disse seu nome. Olhos violeta, no entanto... lembro-me dessa referência. Não percebi no culto que seus olhos tinham essa cor ou teria lhe dito, o que poderia ter-lhe trazido algum consolo naquele momento.

O coração dela se inundou com uma emoção suave e perfeita, apesar da dolorosa saudade que a provocara. Mal pôde se conter e seus olhos se umedeceram. Benjamin falara dela nos dias antes de sua morte. Fizera confidências a esse homem sentado com ela na sala de visitas. Lorde Hayden sabia de seu amor e de seus planos. Alexia tinha certeza disso.

Não ligava mais para o motivo que o trouxera ali. Sua gratidão pela pequena indicação de que Benjamin realmente gostava dela, de que pretendia se casar com ela, foi tão intensa que Alexia seria capaz de perdoá-lo por qualquer coisa naquele instante.

Passou a encará-lo de forma mais amigável. Tratava-se de um belo homem, agora que se permitia reparar. Não era totalmente rígido também. A dureza em volta da boca era culpa das características de sua família. Não se podia culpá-lo se seus ossos lhe davam uma aparência severa em vez de alegre.

– Obrigada por me contar isso. Ainda sinto muitas saudades de meu primo. Emociona-me saber que ele pensava em mim quando estava distante.

Desejou que ele repetisse as palavras exatas que Ben tinha dito. Mas, se ele pretendia fazê-lo, suas intenções foram frustradas. Timothy escolheu aquele exato momento para surgir na sala de visitas.

Timothy parecia bastante adoentado, com o rosto vermelho e os olhos apáticos. Alexia se perguntou se ele não estaria febril. Contudo, seu criado o deixara apresentável, com seu cabelo cor de areia e rosto ansioso despontando sobre casacos e colarinho que demonstravam sua tendência a certa extravagância no vestir.

– Rothwell.

– Obrigado por me receber, Longworth.

Alexia se levantou de imediato, despedindo-se. Seu coração ainda estava repleto de felicidade por saber que Benjamin mencionara seus olhos aos seus amigos solteiros na Grécia. Todavia, não conseguia ignorar que um clima de más notícias iminentes impregnara a atmosfera da casa.



Segurando sua cesta, Alexia adentrou o jardim para se juntar às primas. A beleza da hera e do buxo não chegava aos pés de sua exuberância nos dias gloriosos de verão, mas o sol espantava o pior do frio e a falta de vento tornava o jardim um local hospitaleiro.

Roselyn e Irene aguardavam à mesa de ferro, com dois chapéus e sacolas com fitas e aviamentos. Alexia decidiu não mencionar o visitante. Talvez o mau pressentimento que ainda pairava em sua alegria recente fosse apenas uma impressão passageira.

– Você demorou – reclamou Irene, segurando um dos chapéus. – Ainda acho que este aqui não tem salvação e que deveria comprar um novo. Timothy disse que eu poderia.

– Nosso irmão é gastador demais – disse Roselyn. – Se não quisermos que sua apresentação à sociedade nos leve à falência, teremos que ser mais controladas.

– Não é Timothy quem fala em controlar o dinheiro, só você. Nem terei uma grande apresentação, não importa quantos chapéus eu compre – falou e um tom petulante surgiu em sua voz: – Não serei convidada para os melhores bailes. Todos os meus amigos já disseram isso.

– Pelo menos *você* terá uma apresentação – disse Roselyn. – Certamente é melhor ser irmã de um banqueiro importante do que de um proprietário rural empobrecido. Deveria agradecer a Deus por nossos irmãos terem investido nesse negócio. Se voltássemos para Oxfordshire, você se contentaria com um chapéu novo por ano e o escolheria com mais zelo, em vez de comprar três que não combinassem com você.

Alexia se sentou entre elas, tentando encerrar a discussão. Sendo a mais nova das irmãs Longworths, Irene não entendia a boa sorte que lhes coubera quando, oito anos antes, seu irmão Benjamin decidira investir no banco. A garota só via o que tinha perdido em termos de status, o que não contrabalançava com o luxo que ganhara.

Roselyn, agora com 25 anos, se lembrava muito bem do tempo em que haviam sido obrigados a vender as terras da família em Oxfordshire por causa de dívidas. Em função disso, ela não tivera uma apresentação formal aos homens solteiros na juventude e agora suas chances de se casar eram mínimas. Quando o recente sucesso do banco produziu uma longa fila de pretendentes, ela se mostrou descrente e exigente demais. Alexia suspeitava de que Roselyn se ressentia de que o interesse por ela só surgira após o enriquecimento da família.

– Podemos trocar a fita de cetim rosa por essa amarela – disse Alexia. – E olhe aqui, posso aparar as bordas, para deixar o arco mais perto do seu rosto.

– Vou odiar. Não gosto de chapéus reformados, mesmo que a reforma seja feita por alguém tão habilidoso como você. Fique com ele, se quiser. Pode ficar com o vestido que faz conjunto com ele também, então não terá mais que usar este de cintura alta. Vou avisar à minha criada que ele vai ficar para você, assim ela não o pedirá.

Alexia olhou fixamente para o conjunto de fitas brilhantes e coloridas que cintilava à luz do sol. Irene não era cruel por natureza, apenas jovem e, devido à mão aberta de seu irmão, mimada.

Um silêncio pesado pairou no ar. Irene pegou o chapéu, o avaliou com atenção e o jogou no chão.

– Peça desculpas – ordenou Roselyn em tom ameaçador. – Não vou pensar duas vezes antes de mandá-la morar no interior. Londres está virando sua cabeça e isso não é nada admirável. Está se esquecendo de quem é.

– Ela não está se esquecendo de nada – disse Alexia em um rompante.

Logo em seguida desejou não ter dito aquilo, mas não conseguira conter sua mágoa e seu ressentimento. Respirou fundo, com calma.

– Eu também não me esqueço de quem sou. Só você, por ser tão boa. Todos sabem que dependo desta família, que sou uma parenta pobre que deveria ficar grata por receber aquilo que minhas jovens primas jogam fora. Cada garfada que como é fruto da caridade de seu irmão.

– Oh, Alexia, eu não quis dizer isso... – falou Irene com o rosto contorcido de arrependimento.

– Não é verdade – replicou Roselyn para Alexia. – Você é uma de nós.

– É verdade. Concordei com esta situação anos atrás. Não me importo.

O fato era que se importava. Tentava ignorar, mas isso a desgastava. A humildade e a gratidão que sua situação exigia às vezes lhe escapavam, principalmente porque de início não se sentira obrigada a tê-las.

Sua mudança fora inevitável quando a propriedade da família passou para um primo de segundo grau. Não houve convite para viverem com esse herdeiro, como seu pai supusera. Assim, com 18 anos recém-completados, Alexia fora forçada a escrever para os Longworths, primos pelo lado de sua mãe, pedindo que a deixassem morar com eles. Não levava nada consigo além de vinte libras por ano e seu talento para reformar chapéus.

Benjamin, o primo mais velho, nunca permitira que ela se sentisse um problema para a família, apesar de sua chegada haver coincidido com o início de um novo empreendimento dele, que lhe deixara pouca folga nas despesas daquele

primeiro ano. Com o sorriso largo e o bom humor de Benjamin, ela jamais sentia que devesse se mostrar apenas discreta e obediente. Mas depois da morte dele, a realidade de sua dependência ficara clara. Ben dava a ela os mesmos cuidados que oferecia a suas irmãs, ao passo que Timothy a enxergava com outros olhos. Agora ela não passava de conselheira nas visitas às modistas de Londres. Timothy a via como o fardo que ela era, enquanto Benjamin a vira como...

Uma memória de amor cuidadosamente preservada, um eco de emoção profunda e pungente, fez seu coração doer. Ele a vira como uma prima querida e uma cara amiga, o que no último ano tinha evoluído para algo mais. Se o que lorde Hayden dissera era verdade, então ela não se enganara. Se Ben tivesse voltado da Grécia, teria se casado com ela.

Pegou o chapéu.

– Obrigada, Irene. Vou ficar feliz em usá-lo. Pensando melhor: fita azul. Nem rosa nem amarelo vão tão bem com minha cor de cabelo e o tom de minha pele.

Roselyn cruzou os olhos com os de Alexia como que se desculpando. Alexia respondeu também com o olhar: *Nasci filha de um cavalheiro, mas aqui estou, com quase 26 anos, sem dinheiro nem futuro. É assim que o mundo funciona. Não tenha pena de mim, eu lhe imploro.*

– Quem está lá? – perguntou Irene, interrompendo a conversa silenciosa. – Lá em cima, na janela da sala de visitas.

Roselyn se virou a tempo de ver o cabelo escuro e os ombros largos antes que o homem se afastasse do vidro.

– Temos visita? Falkner deveria ter me chamado.

Alexia começou a retirar a fita rosa.

– Ele pediu para se encontrar com Timothy e não quis que você fosse incomodada.

– Mas Timothy está doente.

– Ele se levantou da cama mesmo assim.

Alexia sentiu a atenção de Roselyn sobre ela enquanto se ocupava do chapéu.

– Quem é? – perguntou Roselyn.

– Rothwell.

– Lorde Elliot Rothwell, o historiador? O que é que ele...

– O irmão dele, lorde Hayden Rothwell.

Os olhos de Irene se arregalaram. Ela deu um pulo e bateu palmas.

– Ele está *aqui*? Acho que vou desmaiar. Ele é tããã atraente.

Roselyn franziu a testa e olhou para a janela

– Ai, meu Deus!



– Você andou bebendo, Longworth – disse Hayden. – Está sóbrio o suficiente para ouvir e se lembrar do que vou dizer?

Longworth se espalhou confortavelmente no sofá azul.

– Sóbrio até demais.

Hayden examinou Timothy Longworth. Sim, estava sóbrio o bastante, o que era bom, já que o que tinha para lhe dizer não poderia esperar. A chance de sucesso do plano diminuía a cada hora que passava.

– Passei os últimos dois dias com Darfield, enquanto você se escondia em sua cama, bebendo – disse ele. – O banco pode sobreviver à crise atual, se você seguir minhas instruções.

– Eu disse a Darfield que sobreviveria. Ele é covarde como uma velhota e teme que as reservas estejam muito baixas, mas eu lhe garanti nossa solidez.

– Só sobreviverá porque tomei ontem a decisão de manter os depósitos da família com você. Isso bastou para deter uma corrida ao banco que começou esta manhã.

– Houve uma corrida? – perguntou Longworth, tendo a decência de parecer preocupado. – Eu deveria ter estado lá, sei disso.

– É lógico que deveria.

– Mas o pior já passou, não é verdade? O perigo foi evitado, como disse.

– Por pouco. Apesar de ter vencido as dificuldades hoje, o banco está em sério perigo. Além disso, estou reavaliando minha decisão. É uma escolha difícil, porque, se eu tirar o dinheiro da família, o banco vai à falência. Se isso acontecer, você vai para a forca.

Longworth ficou quieto, uma estátua feita de indiferença.

Hayden não gostava da ideia de estar metido com Timothy Longworth. Tinha sido para ajudar um bom amigo que ele havia assegurado o crescimento do banco com títulos e dinheiro da família. Não se sentia obrigado a salvar o pescoço do irmão mais novo dele.

Longworth abriu um sorriso largo. Isso o fez parecer mais com Benjamin, apesar de mais claro, um contraste com os olhos e o cabelo escuros de Ben. Era uma semelhança que Hayden preferia não perceber naquele momento.

– É claro que deve estar falando metaforicamente quando diz “forca”. Apesar de “arruinado” não ser muito melhor do que isso, não é a morte.

– Quando digo “forca”, é isso que quero dizer. Cadafalso. Nó corrediço. Morte.

– Bancos abrem falência o tempo todo. Cinco faliram nos últimos quinze

dias só em Londres e dezenas no interior. Não é crime. É o que acontece nas crises financeiras.

– Não é a falência do banco que vai levá-lo à cadeia, mas o que a contabilidade revelará depois.

– Nada me compromete, posso garantir.

A paciência de Hayden se esgotou rápido. Tinha passado a noite em claro ao lado de Darfield, tentando pôr ordem na bagunça oculta da contabilidade do banco. A fúria que ele contivera a duras penas quando descobrira o pior agora ameaçava romper as frágeis paredes que a controlavam.

– Decidi deixar o dinheiro da família com você, Longworth, mas estou preocupado com minha tia e a filha dela. Os 3% delas é tudo o que têm e elas dependem desses rendimentos. Como seu administrador, não poderia pôr isso em risco. Então, essa parte, essa pequena parte, eu decidi sacar.

Longworth ergueu a cabeça como se essa introdução não lhe dissesse nada, mas o primeiro sinal de pânico faiscou em seus olhos.

– Imagine o meu choque quando vi que os títulos da dívida pública delas tinham sido vendidos e que minha assinatura, como administrador de minha tia, tinha sido falsificada para isso.

Gotas de suor surgiram na testa de Longworth.

– Espere um instante. Está insinuando que *eu* falsifiquei...

– Tenho provas de que você, por várias vezes, cometeu o crime de falsificação de documentos. Você forjou assinaturas para vender títulos também. Depois continuou a pagar os rendimentos, para que ninguém suspeitasse, mas roubou dezenas de milhares de libras.

– Roubei coisa nenhuma! Estou chocado e ofendido com essa notícia. Darfield é quem deve ter feito isso.

Hayden partiu para cima de Longworth e o agarrou pelo colarinho, suspendendo-o do sofá.

– Não ouse manchar a honra daquele bom homem. Juro que, se mentir para mim agora, vou lavar as mãos e deixá-lo ir para o buraco.

Longworth levantou os braços para cobrir o rosto, protegendo-se do golpe que previa. O medo dele ao mesmo tempo deteve Hayden e lhe causou repugnância. Jogou Longworth de volta no sofá.

Timothy se curvou com o rosto nas mãos. Um silêncio pesado passou a sala, carregado da raiva de Hayden e do desespero palpável de Longworth.

– Você contou a alguém?

A voz de Longworth falhou de emoção.

– Só Darfield sabe e ele teme o que isso possa causar aos outros bancos, levando em consideração o clima atual no centro financeiro de Londres.

Hayden havia imaginado esse horror muitas vezes nos últimos dois dias. Os títulos – sólidas apólices que eram a base do crédito e da geração de rendimentos de mulheres leigas e seus filhos – eram supostamente seguros. Os bancos somente os mantinham pelos clientes. Não se pressupunha jamais que o dinheiro ficasse vulnerável.

Timothy Longworth rompera uma confiança sagrada ao falsificar assinaturas e se apossar desse capital. Se isso viesse a público, o pânico atual seria multiplicado por dez.

– O que lhe passou pela cabeça, Longworth?

– Fiz isso pelo banco. Estávamos vulneráveis, com as reservas baixas demais. Fiz isso para proteger os depósitos...

– *Mentira!* – Hayden só percebeu que havia gritado porque Longworth se sobressaltou. – Você fez isso para comprar esta casa, este casaco e as carruagens que servem para você passear com sua amante cara.

Timothy começou a chorar. Envergonhado pelo outro, Hayden se virou e olhou pela janela.

No jardim, um par de olhos violeta se voltou na sua direção, depois retornou para as fitas e a palhinha. *Olhos como violetas em sombra fresca e de formato encantador, que fazem pensar em glórias ocultas.* Era assim que Benjamin descrevera a Srta. Welbourne, em uma noite de embriaguez na Grécia. O tom não fora totalmente respeitoso, mas havia afeição em sua voz, então Hayden não mentira para ela. Contudo, ao ver a reação da moça – os olhos rasos d'água e como seu rosto se suavizou de forma tão doce –, desejou não ter dito nem uma palavra.

Não era um rosto belo, mas os olhos tornavam isso irrelevante. Sua cor incomum cativava primeiro, depois se notava como eles refletiam uma alma intensa e uma mente inteligente. Mostravam também experiência, como se aquela mulher compreendesse bem demais as realidades da vida. Ao se sentar sob a contemplação implacável daqueles olhos, ele se esquecera por alguns minutos da horrível missão que o trouxera àquela casa.

Uma boca que parece uma rosa, com néctar tão doce. Aparentemente, Benjamin tinha tocado em mais do que o coração da Srta. Welbourne. Não era nem um pouco de surpreender. Um homem cheio de vida como Benjamin Longworth conseguia mexer com muitas mulheres.

Roselyn e Irene Longworth, irmãs de Benjamin, estavam sentadas ao sol com a Srta. Welbourne. A mais velha era uma bela mulher de pele clara, ca-

belo louro-escuro e rosto doce. Destacava-se por sua beleza, mas era muito orgulhosa. O cabelo da mais nova era longo e claro; o corpo, esguio e o jeito, ainda infantil.

Sentiu alguém de pé ao seu lado. Longworth havia se levantado do sofá. Também observava as três moças no jardim.

– Ai, meu Deus, quando elas ficarem sabendo...

– Juro que elas nunca saberão a verdade da minha boca. Se conseguirmos salvar seu pescoço, você poderá contar quantas mentiras quiser. Um falsificador e ladrão deve ser capaz de inventar umas boas.

– Salvar, me salvar? Mas há uma forma? Obrigado, de qualquer jeito... Como quer que seja...

Hayden esperou enquanto Longworth se recompunha.

– Quanto, Longworth?

Ele deu de ombros.

– Umas vinte mil libras, talvez. Não fiz de propósito. De verdade. Na primeira vez, deveria ter sido um empréstimo de pouco valor, para cobrir uma dívida inesperada...

– Não quero saber quanto você roubou, mas quanto tem.

– Quanto eu tenho?

– Sua única chance é cobrir tudo, cada centavo. Com o que tiver e com as notas promissórias que assinar.

– Isso significaria contar a todos!

– Se eles não sofrerem prejuízos...

– Bastaria um deles dar com a língua nos dentes para eu ir...

– Para a força. Sim. Uma fraude já seria o bastante. Você terá de confiar que o reembolso os satisfará e que eles entendam que só mantendo-se em silêncio poderão reaver o dinheiro. Posso falar por você e isso talvez ajude.

– Pagar a todos? Vou ficar falido. Totalmente falido!

– Mas vai escapar *vivo*.

Longworth agarrou o peitoril da janela para controlar a tontura. Olhou para fora de novo e seus olhos se umedeceram.

– O que vou dizer a elas? E Alexia... Se ficarmos reduzidos à renda dos aluguéis rurais, se eu tiver que pagar as dívidas tirando recursos deles também, não poderei mais sustentá-la.

Diante de mais um pensamento terrível, seu rosto desabou. Hayden imaginou o motivo:

– Você roubou os míseros recursos dela também? Não verifiquei as contas menores.

Longworth enrubesceu.

– Você não passa de um canalha, Longworth. Ajoelhe-se e agradeça a Deus por eu ter uma dívida de gratidão e honra com seu irmão.

Timothy não estava mais ouvindo. Seus olhos se anuviaram ao pensar no futuro.

– Irene ia ser apresentada à sociedade e...

Hayden não deu ouvidos aos lamentos do outro. Imaginara uma forma de salvar a vida de Longworth e evitar revelações que deixariam o atual pânico fora de controle. Mas não poderia poupar Longworth da ruína que essa solução geraria.

Passara a noite em claro fazendo cálculos e pensando nas consequências morais do caso. De repente uma profunda exaustão tomou conta dele.

– Sente-se – ordenou ele ao dono da casa. – Vou lhe dizer a quantia necessária e definiremos como você irá devolvê-la.

CAPÍTULO 2

*F*alido.

A palavra pairou no ar. A sala ficou em silêncio.

O sangue de Alexia congelou nas veias. Tim parecia muito doente agora. Ele se recolhera a seu quarto após a saída de lorde Hayden, mas se levantara da cama novamente de noite. Mandara chamá-la e a suas irmãs na biblioteca e lhes informara do desastre.

– Mas como, Tim? – perguntou Roselyn. – Um homem não vai disto – ela fez um gesto mostrando a exuberância da casa ao redor – à pobreza em um dia.

Os olhos dele se estreitaram e a amargura endureceu sua voz.

– Isso acontece se lorde Hayden decidir que sim.

– Lorde Hayden? O que ele tem a ver com isso? – perguntou Alexia.

Timothy olhou fixo para o chão. Parecia sem forças.

– Ele retirou o dinheiro de sua família do banco. Nossas reservas não foram suficientes para compensar a retirada e tive que penhorar tudo o que tenho. Darfield também terá de fazer isso, mas ele possui mais dinheiro do que eu. Ele pagou parte das minhas obrigações e, em troca, ficou com a minha cota no banco. Ainda assim, não foi suficiente.

Alexia controlou a fúria que fervia dentro dela. Que diferença faria para Rothwell onde todo aquele dinheiro ficava? Ele tinha que ter percebido o que isso causaria a Timothy, a todos eles. Havia entrado naquela casa ciente de que destruiria o futuro dos Longworths.

– Vamos dar um jeito – disse Roselyn, com firmeza. – Sabemos como levar uma vida mais simples. Vamos dispensar alguns empregados e comeremos carne somente duas vezes por semana. Vamos...

– Você não ouviu? – rosnou Timothy. – Eu disse que estou *falido*. Não haverá empregados, nem carne alguma. Não tenho *nada*. Não temos *nada*.

Roselyn o encarou, boquiaberta. Irene, que ouvia com expressão confusa, teve um sobressalto como se alguém a tivesse esbofeteado.

– Isso quer dizer que não vou ser apresentada à sociedade?

Timothy deu uma risada cruel.

– Querida, você não pode ser apresentada à sociedade londrina se não estiver em Londres. O canalha está tomando esta casa. Ela pertence a Rothwell agora. Vamos voltar para o pouco que temos em Oxfordshire e morrer à mingua por lá.

Irene começou a chorar. Roselyn ficou muda com o impacto da notícia. A gargalhada de Timothy foi se transformando em algo entre um cacarejo e um choramingo.

Alexia sentiu o medo se apoderar dela. Timothy não olhara para ela uma vez sequer desde que entrara na sala. E evitava seu olhar agora. Um pânico silencioso tamborilava em seu peito, querendo se avolumar.

Roselyn recobrou a voz:

– Timothy, podemos viver no campo de novo. Ainda temos a casa e algumas terras. Não será ruim. Nunca passamos fome.

– Será pior do que antes, Rose. Terei dívidas a pagar. Boa parte dos aluguéis irá para isso.

O tamborilar acelerou, espalhando-se por suas veias. Sentia calor e frio alternadamente. O destino que temia desde a morte do pai finalmente a encontrara. Era com dificuldade que mantinha a compostura.

Ela não deixaria Timothy pronunciar sua sentença com todas as palavras. Seria injusto e uma péssima retribuição à família que lhe tinha dado um lar.

Levantou-se.

– Se sua situação vai mudar de forma drástica, não precisarão do fardo de ter mais uma boca para alimentar. Tenho algum dinheiro guardado que poderá me manter até encontrar um emprego. Vou me recolher ao meu quarto para permitir que conversem abertamente sobre seus planos.

Os olhos de Roselyn se umedeceram.

– Não seja boba, Alexia. Seu lugar é conosco.

– Não estou sendo boba, estou sendo prática. Não vou forçar Timothy a dizer que devo ir embora.

– Diga-lhe que não tem que ir, Tim. Ela é tão sensata que vai ser uma ajuda, não um fardo. Ele não quer que você nos deixe, Alexia.

Timothy não respondeu. Nem levantou os olhos.

– Timothy – chamou Roselyn, em tom de repreensão.

– Gastarei tudo o que tenho para manter vocês duas, Rose – disse ele, finalmente se voltando para Alexia. – Sinto muito.

Alexia forçou um sorriso trêmulo e saiu da biblioteca. Fechou a porta atrás de si, deixando Irene e Roselyn aos prantos e Timothy envergonhado. Subiu as escadas correndo e maldizendo, a cada degrau, o homem responsável por aquela tragédia.

Hayden Rothwell era um canalha. Um monstro. Era um daqueles homens que viviam no luxo e destruíam a vida dos outros em um piscar de olhos. Ele não precisava ter retirado todo o dinheiro de uma só vez. Era tão duro e frio como parecia. Não tinha compaixão: esmagaria pessoas sob as botas, se desejasse. Ela o odiava.

Jogou-se na cama e enterrou o rosto no travesseiro de penas, onde destilou todo o seu veneno em Rothwell enquanto chorava. Estava tomada pelo pânico.

Falida. Não podia crer que estava passando por isso de novo. Seu pai falira dois anos antes de morrer. Muito provavelmente tinha sido esta a razão pela qual não fora acolhida por seu herdeiro. O destino agora lhe pregava uma peça estúpida, fazendo-a reviver toda a preocupação e o medo de antes.

A duras penas, foi tentando novamente se centrar. Já havia se perguntado algumas vezes o que faria caso se encontrasse naquela situação. Sempre soubera que isso poderia acontecer. Desesperada, procurou se lembrar dos planos feitos naquelas noites terríveis quando, no escuro, a precariedade da situação em que vivia se avultava sobre ela.

Poderia virar preceptora, se conseguisse boas referências. Tinha linhagem e educação para isso, ainda que tal função oferecesse uma vida horrível.

Também poderia procurar trabalho em uma chapelaria. Tinha jeito para fazer chapéus e gostava dessa atividade. Só que trabalhar em uma loja desse tipo seria a pior das humilhações. Não nascera para essas coisas, mesmo que essa ideia tivesse mais apelo do que ficar presa dia e noite cuidando da filha de outra mulher.

Também poderia se casar, apesar de no momento não ter pretendentes. Ela nem sequer pensara nisso depois de Benjamin. Seu coração era dele e sempre seria. A menina escondida em sua alma encarava com pesar a ideia de casar-se em troca de segurança. Depois de ter conhecido um grande amor, um casamento assim seria horrível. Contudo, sem beleza nem fortuna para atrair um marido, aquele era um assunto com que muito provavelmente não teria de lidar.

Enumerar opções lhe deu um pouco de confiança, ainda que baseada em cenários que não a agradassem tanto. Contava com vinte libras por ano e não iria morrer de fome. Poderia construir seu futuro se deixasse de lado o orgulho. Na verdade, tinha bastante experiência nesse campo.

Olhou em volta do quarto, para os móveis, à luz difusa da lamparina. Não era um cômodo grande. Nem tinha os tecidos luxuosos dos quartos de Irene e Roselyn ou as cadeiras e camas novas que elas haviam comprado no ano anterior. Mas era o seu espaço e tinha sido seu lar desde que Tim se mudara com elas de Cheapside, logo depois de Ben zarpar para a Grécia, fazia quatro anos.

Fechou os olhos e se perguntou quanto tempo demoraria até que Hayden Rothwell a jogasse no olho da rua.



Três dias depois, Alexia estava sentada na sala de café da manhã, lendo os anúncios no *Times*. A casa reverberava de silêncio. Não que os empregados antes fizessem barulho, mas sua ausência era perceptível. Somente Falkner permanecia, enquanto procurava outro emprego apropriado. Ela podia ouvi-lo na sala de jantar, embalando as porcelanas que Timothy tinha vendido na véspera.

Muito pouco dos luxos adquiridos nos últimos anos voltariam para Oxfordshire com suas primas. Rothwell ficaria com os móveis. Tudo o mais seria vendido. Naquele exato momento, os homens estavam na cocheira negociando o preço das carruagens.

Roselyn entrou no cômodo e se sentou ao lado de Alexia, que serviu café para as duas.

- O que está lendo? – quis saber Roselyn.
- Quartos para alugar.
- Piccadilly não seria ruim, se não fosse tão longe.
- Acho que não terei como evitar ficar longe, Rose.

Rose tinha a aparência de uma mulher que havia chorado um mês sem parar. As olheiras e o vermelho dos olhos eram evidentes.

- Deveria ter me casado com um daqueles homens interessados no meu di-

nheiro. Teria sido bem feito para eles meu irmão ficar em tantas dificuldades a ponto de precisar vender as vasilhas de metal. Até as *vasilhas*, meu Deus!

Alexia não conteve uma risada. Roselyn riu também. As duas riram até lágrimas rolarem pelas faces.

– Oh, céus, como é bom rir – disse Rose, sem fôlego. – É tudo tão dramático que chega a ser ridículo. Fico esperando Tim vender minha camisola enquanto durmo.

– Espero que ele não esteja acompanhado por um oficial de justiça nesse dia. Daria ainda mais motivo de fofoca para toda a cidade.

Roselyn riu de novo, com ar triste.

– Vou sentir sua falta, Alexia. O que vai fazer?

– Pedi uma carta de referência à Sra. Harper, já que ela é, das suas amigas, a que me conhece melhor. Procurei uma agência de empregos e me candidatei a vagas de preceptora. Espero que seja aqui na cidade mesmo.

– Você tem que nos mandar notícias de onde estiver, sempre. E prometer que vai nos visitar.

– É claro.

Os olhos de Rose se encheram de lágrimas. Ela abraçou Alexia vigorosamente. Enquanto aproveitava o carinho que logo não mais teria, Alexia viu Falkner chegar à soleira da porta.

– O que foi? – perguntou.

Falkner olhou para ela com o mesmo olhar de três dias atrás. O olhar que dizia que uma tempestade se aproximava.

– Ele está aqui. Lorde Hayden Rothwell. Pediu para ver a casa.

Do jeito que Falkner torceu o nariz, Alexia suspeitou que Rothwell não tivesse “pedido” coisa alguma.

– Não o receberei – disse Rose. – Mande-o embora.

– Ele não perguntou pela senhorita, mas por seu irmão, que saiu. Então pediu que eu lhe mostrasse onde esperar.

– Diga-lhe que não. Eu o proíbo. Logo a casa será toda dele – gemeu Roselyn.

O prazo para entrega da casa não fora determinado, o que era motivo de preocupação para Alexia.

– Você não está sendo sensata, Rose. Não vale a pena enfurecer o homem neste momento. Nem é obrigação de Falkner nos servir. Vou atender o visitante para lhe poupar o trabalho.



Lorde Hayden esperava no hall, rodeado por paredes que já se encontravam despidas de quadros. Quando Alexia entrou, ele estava inclinado, examinando uma mesa de canto marchetada, sem dúvida calculando seu valor.

Ela não esperou por sua atenção nem por suas saudações.

– Senhor, meu primo Timothy não está na propriedade. Creio que esteja cuidando da venda dos cavalos. A Srta. Longworth está indisposta. Posso ajudar no assunto que o trouxe aqui?

Ele se apurou e voltou seu olhar para ela. A contragosto, ela admitiu que ele estava maravilhoso naquele dia, vestido com roupas de montaria, um paletó azul e colete de seda estampado em tons de cinza. Seu porte, expressão e vestimenta anunciavam ao mundo que sabia que era bonito, inteligente e podre de rico. Era de muito mau gosto ir assim a uma casa que estava sendo destituída de seus bens e de sua dignidade.

– Esperava que um criado viesse...

– Não há mais criados. A família não pode mais mantê-los. Falkner vai ficar até conseguir outro emprego, mas não está mais trabalhando. Creio que o senhor não tem alternativa a não ser falar comigo.

Ouviu sua própria voz soar ríspida e pouco amigável. As pálpebras dele baixaram o bastante para indicar que percebia a falta de respeito.

– Acredito que não tenhamos mesmo alternativa, Srta. Welbourne. Meu objetivo ao vir sem ser convidado é muito simples. Tenho uma tia que está interessada nesta casa. Ela me pediu para verificar se seria apropriada para ela e sua filha nesta temporada.

– O senhor quer conhecer a casa para poder descrevê-la a prováveis moradores?

– Se a Srta. Longworth me fizer essa gentileza, sim.

– O coração dela é cheio de gentileza na maioria das vezes. Contudo, ela está ocupada demais para atender seu pedido. Ser levada à falência e ser destituída de seus bens é algo que deixa qualquer mulher sem tempo algum.

O queixo dele se retraiu o suficiente para dar-lhe uma pequena satisfação. A vitória foi breve. Ele pousou o chapéu na mesa de marchetaria.

– Então, terei que achar o caminho sozinho. Quando disse que minha tia estava interessada, não me referi a uma mera curiosidade, mas a um interesse patrimonial. Esta casa já pertence a minha tia, Srta. Welbourne. Timothy Longworth assinou os documentos ontem. Se fiz um pedido, foi apenas para ser cortês com a família dele.

A notícia a deixou estupefata. A casa já tinha sido vendida. Que rapidez!

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

EDITORA ARQUEIRO

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br